



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES  
DE JOVENS E ADULTOS**

*V Seminário Nacional*

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP*

## **DIÁLOGOS EM REDE: O USO DO FACEBOOK NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**Bárbara Tostes Machado**

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

babitostes@yahoo.com.br

**Modalidade:** Comunicação oral

**Eixo Temático:** A formação inicial de educadores(as) da modalidade de Educação de Jovens e Adultos nos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas (trabalhos que focalizam a gestão e experiências de formação inicial).

### **RESUMO**

O artigo apresenta o resultado parcial de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo investigar o uso das redes sociais digitais na Educação de Jovens e Adultos (EJA), tanto por educandos quanto por educadores. Os desafios da oferta de uma educação emancipadora passam pelo desenvolvimento e discussão sobre a presença, cada vez mais significativa das tecnologias digitais na vida cotidiana, com suas formas específicas de sociabilidade e de exclusão daqueles que não participam deste universo. A formação de docentes preparados para lidar com essa realidade é abordada através da observação de uma disciplina de graduação voltada à formação de docentes para a EJA. O meio de comunicação utilizado pelos graduandos e pela professora foi o *Facebook*. Através do estudo de caso, pode-se concluir, através das informações coletadas e da análise realizada, que a aceitação foi positiva do uso desta rede social como meio de comunicação entre professores e alunos.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Educação de Jovens e Adultos, Redes Sociais Digitais, *Facebook*, Formação docente.

### **1. Introdução**

O artigo aborda a experiência do uso do *Facebook* como meio de comunicação digital na disciplina Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos na perspectiva da Educação Popular, disciplina optativa ofertada aos graduandos da Pedagogia e demais licenciaturas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pela professora doutora Analise da Silva, no segundo semestre de 2014. A investigação foi realizada a partir dos relatórios das aulas, de



um questionário aplicado em sala de aula e outro digital compartilhado pelo *Facebook*, além da observação do fluxo de comunicação no grupo Turma 11<sup>1</sup> criado nesta rede social digital.

A disciplina objetivou uma imersão na Educação de Jovens e Adultos e nas ideias sobre a Educação Popular, apresentando a trajetória da modalidade, seus desafios e especificidades. Além disso, a discussão sobre a educação como um direito humano permeou todos os pontos do programa de ensino, discussão essa fundamental na formação docente, uma vez que o analfabetismo ainda atinge um percentual significativo e indicativo das desigualdades sociais que perduram na nossa sociedade.

Segundo Gadotti (2014, p.13), “onde está a pobreza extrema, está presente o analfabetismo”, portanto, para pensarmos em um progresso sólido, que ultrapassa o mero crescimento da capacidade de consumo da população, é preciso pensar e defender a educação como um direito humano. A formação de docentes preparados para lidar com essa realidade, engajados em seu ofício pode ser uma eficiente arma contra a mercantilização da educação e a desvalorização profissional.

## **2. Uma turma heterogênea: seus desafios e pontos convergentes**

A turma era composta por dezesseis graduandos dos cursos de Pedagogia, Letras, Artes Plásticas, Antropologia e três mestrandos do Programa de Mestrado Profissional da UFMG (PROMESTRE) que desenvolvem pesquisas relacionadas com as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Dentre os graduandos, dois estavam cursando uma segunda graduação e cinco estavam no semestre de conclusão do curso e todos aqueles que não cursavam pedagogia eram provenientes de outras licenciaturas. Duas graduandas atuavam na EJA, outra já tinha tido uma experiência em um estágio obrigatório.



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP

A maioria dos graduandos era mulheres, apenas três homens, sendo que um deles abandonou a disciplina durante o curso para se envolver em um projeto de extensão não conseguindo conciliar o tempo. Embora o projeto não estivesse relacionado diretamente à Educação de Jovens e Adultos, tinha como foco ações educativas voltadas para jovens de áreas de vulnerabilidade urbana. Antes de abandonar a disciplina ele ressaltou que as discussões e vivências, durante as aulas, contribuíram para a nova jornada.

Durante as apresentações iniciais uma questão levantada pela professora era como os graduandos souberam da oferta da disciplina. Hoje, a universidade oferece uma farta gama de disciplinas optativas, principalmente em cursos, como pedagogia, que atendem a uma ampla demanda das licenciaturas. No entanto, uma queixa recorrente, é que sem um direcionamento devido, muitos escolhem disciplinas sem um critério definido, como campo de interesse, necessidade profissional, ficando limitados ao quadro de horários e o cumprimento dos créditos.

Esta disciplina, por sua vez, foi divulgada para além dos quadros institucionais, através do *Facebook* da professora, criando uma rede de divulgação que culminou como meio de conhecimento de oito graduandos. O uso do *Facebook*, que é a rede social digital mais utilizada pelos graduandos, permitiu a extrapolação das formas institucionais, das ementas e distribuição de créditos, possibilitando outra porta de entrada para a discussão de um campo da educação tão importante e ao mesmo tempo tão desvalorizado.

Esta situação abordada pode ser percebida quando a professora perguntou quais eram os motivadores para a escolha da disciplina. O interesse dos mestrandos foi prontamente identificado, pois todos trabalhavam com a EJA. No entanto, quando abordados os graduandos, as respostas eram diversas.



Sete graduandos apontaram um interesse claro nesta modalidade, incluindo as duas graduandas que já atuavam na modalidade e um graduando de antropologia e outro de pedagogia que atuavam junto movimentos sociais e ocupações urbanas. Duas graduandas apontaram a carência de disciplinas voltadas para a modalidade durante o curso e, portanto, a vontade de complementar sua formação. Os cinco graduandos restantes apontaram, sem constrangimento, a necessidade de completar créditos para formar. Ou seja, em uma disciplina com dezesseis estudantes, um número significativo de graduandos escolheu a disciplina, assim como outras ao longo do curso, sem um objetivo claro, sendo os motivadores principais os horários das aulas e os créditos.

Esta constatação merece atenção, pois a formação acadêmica e profissional dos graduandos acaba comprometida, por vezes, por uma falta de orientação e por uma cultura acadêmica de cumprimento de créditos. Avalio que os espaços de sociabilidade que ultrapassam os mecanismos institucionais, como, por exemplo, o *Facebook*, pode constituir uma estratégia de ação para os docentes, tanto para divulgar disciplinas, como para formação de redes de pessoas interessadas em um determinado campo do conhecimento.

### **2.1. Ultrapassando os limites da sala de aula: vivências virtuais em um mundo fluido**

A formação de educadores preparados para lidar com essa demanda da EJA também é um passo importante para a valorização da modalidade. Observa-se que a valorização da formação docente, ainda vista como secundária nos currículos das licenciaturas, é um desafio a ser encarado por toda a comunidade acadêmica. Assim como existe a demanda por uma formação docente ampla e valorizada voltada para a EJA, o mesmo podemos afirmar sobre o uso das tecnologias digitais na educação.



Para Giddens (2002), as transformações vividas na modernidade avançada são mais intensas que em outros períodos da história, tanto em extensionalidades, ao estabelecer formas de interconexão social, quanto em intencionalidades ao alterar aspectos íntimos da existência cotidiana. A sociedade em rede é anunciada como uma nova forma de estrutura social, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa (CASTELLS, 2013).

Esse cenário descrito deve ser observado de forma reflexiva para que, o fascínio e as facilidades propiciadas pelas tecnologias digitais não levem a um determinismo tecnológico. Segundo Werthein (2000) este determinismo é fruto de uma visão ingênua, de acordo com a qual as transformações seguem uma lógica técnica, dentro de uma suposta neutralidade, sem sofrer interferência de fatores sociais e políticos.

A preocupação quanto ao determinismo tecnológico está presente nas escolhas metodológicas. Devido à variedade de dados coletados no meio virtual e a observação das aulas foi preciso ampliar o desenho da pesquisa, através de uma triangulação de métodos (FLICK, 2009; MARTINS, 2008), que consiste na observação das postagens no grupo fechado do *Facebook*, nos relatórios semanais produzidos pelos estudantes e a observação das aulas. A observação dos diversos modos de compreensão das experiências de vida e socialização (SYMANSKI, 2011) é importante elemento de análise do material coletado, uma vez observado elementos da vivência em sala de aula e no ambiente virtual.

O estudo de caso é a opção metodológica que melhor dialoga com o conjunto de vivências como estudante, mestranda, observadora e participante ativa do *Facebook*, que a experiência desta disciplina proporcionou. Segundo Martins (2008, p.95), um estudo de caso busca a generalização analítica que ajuda a explicar outros casos semelhantes. A formação de



de em rede e suas relações de organização e sociabilidade (SIBILIA, 2012) precisa ser observada, entendida, para que possamos conquistar uma universidade em rede, conectada e produtora de um conhecimento compartilhado e, muitas vezes, construído coletivamente.

## **2.2. Construindo um espaço de sociabilidade para além da sala de aula**

Por ser tratar de uma turma marcada pela heterogeneidade e por aulas condensadas em um só dia da semana a comunicação foi uma preocupação da professora, pois permitiria a ampliação das discussões em sala de aula e a organização dos estudantes para a realização e entrega de atividades. Para tanto, ela sugeriu o uso do *Facebook* como mecanismo de comunicação, envio de trabalhos e compartilhamento de informações.

A UFMG utiliza a plataforma digital *Moodle* que recebe o nome de *MinhaUFMG*. Professores e estudantes usam este recurso para diversos fins, desde o diário eletrônico como o acesso a serviços disponíveis pela universidade e plataformas de divulgação científica. No entanto, tanto a professora quanto os estudantes relataram diversos momentos em que tiveram dificuldades no manuseio da plataforma.

A partir deste diálogo estabelecido no primeiro encontro foi sugerido pela professora o uso de um grupo do *Facebook* para manter contato com a turma. A sugestão foi acatada pela maioria, que além de ser usuária desta rede social digital e acessar frequentemente, também dispunha de dispositivos móveis, como *smartphones*, *tablets* e *laptops*. Apenas uma graduanda de Letras, que estava cursando seu último período afirmou não ser usuária desta rede social, embora participasse de outras, como o *Whatsapp* e *Instagram*. Sua não adesão à rede foi justificada por “gastar tempo demais”, mas ainda assim, aceitou e se prontificou a usar o perfil de sua irmã para acessar o grupo.



Esta visão sobre o tempo gasto nas redes sociais é um ponto interessante a ser discutido uma vez que o principal uso da internet, no Brasil, apontado pelo Comitê Gestor da Internet, na revista TIC Domicílios e Empresas de 2013<sup>2</sup>, é o acesso ao *Facebook*. Este crescimento, não só em número de usuários, mas também na frequência do uso, está também associado, ao uso de dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets*. As relações de sociabilidade, as definições cotidianas de tempo/espaço e a educação sentem o impacto dessa rápida transformação.

Interessante destacar que a percepção do tempo gasto em redes sociais como o *Facebook*, está intimamente relacionada às diversas possibilidades de uso. Podemos gastar horas olhando fotos de antigos amigos de colégio para ver como eles estão nos dias atuais, como há possibilidade de trabalharmos através do *Facebook*, com atividades de divulgação, compra e venda, prestação de serviços dentre outras formas de trabalho que estão sendo constituídas. Grupos de interesses comuns se agrupam, projetos podem ser divulgados, ou seja, estamos tratando de vastas possibilidades que podem ser exploradas.

A rotineira presença de celulares, tanto de estudantes e professores, que são utilizados em sala de aula, principalmente para trocas de mensagem, sobretudo em redes sociais digitais como o *Facebook* e o *Whatsapp* evidencia a cotidiana imersão das pessoas no mundo digital. Apenas um dos estudantes, que respondeu ao questionário, afirmou não usar o celular em sala. Todos os outros, inclusive a professora afirmaram o uso deste dispositivo, principalmente para enviar mensagens pelas redes sociais, fazer pesquisas, SMS e rotear conexão. Esse fenômeno recente provoca calorosos debates em todos os níveis de educação.

Ao mesmo tempo em que os questionamentos e críticas são realizados, os professores usam, também, cada vez mais esses dispositivos digitais, participando de redes sociais



digitais, criando novas interações e formas de sociabilidade. Alguns docentes da universidade, entretanto, oferecem resistência em utilizar os recursos digitais em suas práticas docentes e, em alguns casos, até mesmo, em sua vida privada.

A resistência está associada, muitas vezes, a um choque geracional, uma vez que os jovens têm um grau de ciborguização<sup>3</sup> mais elevado que os mais velhos. A incorporação das tecnologias digitais no cotidiano é um processo naturalizado pelos estudantes, pois, muitos são nativos digitais, ou seja, nascidos a partir da década de 1980, e que cresceram junto à expansão das tecnologias digitais<sup>4</sup>. Esta não é a realidade de muitos docentes, que resistem à sua incorporação a esse mundo digital.

Esta opção acaba por afastá-los de uma parte significativa da atual vivência acadêmica que não se restringe ao uso das redes sociais. Ela também diz respeito a participação em atividades acadêmicas *online*<sup>5</sup>, cursos de atualizações semipresenciais e não presenciais, além das possibilidades de uso pedagógico, comunicacional e organizacional oferecido pela UFMG através da plataforma *Moodle*.<sup>6</sup>

No entanto, a realidade e o futuro das universidades estão associados à crescente presença das tecnologias digitais nas mais diversas vivências profissionais e pessoais. Segundo Bauman e Donskis (2014, p.13), não há escolhas. “Penso, logo devo. Não se permitem dilemas. Vivemos numa realidade de possibilidades não de dilemas”. O ambiente virtual não pode ser ignorado, as possibilidades de uso devem ser exploradas. Caso contrário, o diálogo entre a universidade e a comunidade acadêmica pode ficar restrito ao uso institucional das tecnologias disponíveis.

Avalio ser importante pensar sobre as vivências que ultrapassam as paredes das salas de aula e ao uso didático dos recursos tecnológicos. Desta forma, ampliarmos o debate sobre a



## FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação  
UNICAMP - Campinas, SP

presença das redes sociais digitais e sua nova forma de comunicação e sociabilidade, é fundamental para o uso consciente e crítico desses recursos tecnológicos e comunicacionais na educação e na vida cotidiana.

As reflexões sobre esta vivência são de grande valia para entendermos melhor a crescente presença, nas universidades, de pessoas com um acentuado grau de ciborguização. Uma das queixas recorrentes entre docentes, mesmo que o uso esteja difundido também entre eles, é o uso das redes sociais digitais, como o *Facebook* e o *Whatsapp* em sala de aula. A negação dessa realidade é o desprezo pelas novas formas de sociabilidade que estão em processo de formação.

Além disso, por tratar de questões ligadas à EJA dentro de uma perspectiva da educação popular, o uso do *Facebook* e, a participação ativa da professora, que posta, frequentemente, informações, vídeos e notícias sobre assuntos relacionados, possibilitaram uma maior imersão nas discussões sobre a educação brasileira e os desafios enfrentados. As novas formas de exclusão social, relacionadas à impossibilidade de acesso às tecnologias digitais e à internet, atingem diretamente a população mais pobre que depende de uma educação pública de qualidade que contemple essa realidade.

A formação de docentes preparados para criar estratégias para a superação dessas desigualdades é de suma importância para que mudanças possam ocorrer. A relação com o tempo/espaço precisa fazer parte das discussões sobre a educação nos tempos atuais. As paredes das salas de aula estão cada vez mais frágeis. Não podemos negar e não podemos determinar. O desafio é criar estratégias para lidar com a, cada vez mais íntima, presença dos dispositivos digitais em nossas vidas.



---

<sup>1</sup>Link do grupo da TURMA 11 que reuniu os participantes da disciplina: <https://www.facebook.com/groups/666882273389321/?fref=ts>. Acessado em 26/11/2014.

<sup>2</sup>A pesquisa TIC 2013 apresenta resultados da utilização das tecnologias da informação e comunicação em diversos aspectos da vida cotidiana. O dado apresentado é encontrado no link: <http://www.cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-no-brasil-tic-domicilios-e-empresas-2013/>. Acessado em: 26/11/2014.

<sup>3</sup>Para Shirlei Resende Sales a ciborguização pode ser compreendida como “um processo caracterizado por um tipo especial de relação entre o sistema mecânico, no qual evidencia- parcial ou totalmente- uma dissolução dos limites entre ambos sistemas” (SALES, 2014, p.233).

<sup>4</sup>Definição apresentada no Wikipédia, através do link: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Nativo\\_digital](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nativo_digital). Acessado em: 27/11/2014.

<sup>5</sup>Um exemplo foi a realização do XI Evidosol – Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e o II Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia, realizado totalmente virtual, entre os dias 2 e 4 de Junho de 2014. Disponível em: <http://evidosol.textolivre.org/site/>. Acessado em: 27/11/2014.

<sup>6</sup>O Moodle é um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), no caso da UFMG, recebe o nome de *MinhaUFMG*.

## **Referências Bibliográficas**

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e esperança: movimentos sociais na era dinternet**. Rio de Janeiro: Zahar 2013.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Aula Inaugural. In: DA SILVA, Analise de Jesus. **Diálogos com as juventudes presentes na EJA** (p. 22). Belo Horizonte: Mazza, 2014.

DA SILVA, Analise de Jesus et AL. Educadores de Jovens trabalhadores que estudam: aprendendo a ensinar. In: DA SILVA, Analise de Jesus. **Diálogos com as juventudes presentes na EJA**. Belo Horizonte: Mazza, 2014, p. 31-57.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos**. São Paulo: Moderna, 2014.



GREEN, Bill; BIGUM, Chris. **Alienígenas na sala de aula**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIOVANETTI, Maria Amélia G. C. A formação de educadores na EJA: o legado da educação popular. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 243-255.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

PRETTO, Nelson; PINHEIRO, Daniel S. Escolas e Redes: conexões. In: TAVARES, Rosilene Horta ; GOMES, Suzana. **Sociedade, educação e redes: desafios à formação crítica**. Araraquara, SP: Junqueira & Martin, 2014, p.193-218.

SALES, Shirlei Resende. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: Alguns desafios para o currículo do ensino médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p.230-248.

SAMPAIO, Maria Nobre. Educação de jovens e Adultos: uma história de complexidade e tensões (p. 13-27). **Práxis Educacional**, v.5, n.7, jul/dez de 2009.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SPOSITO, Marília. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre a juventude e escola no Brasil. In: H. W. Abramo, & Pedro Paulo Martoni Branco. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional** (p. 87-127). São Paulo: Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2005.

SOARES, Leôncio. Do direito à educação à formação do educador de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. P. 273-289.

SZYMANSKI, Heloísa. . A constituição de um ambiente de ensino e aprendizagem: acompanhando um projeto de alfabetização. **Teoria e Prática da Educação**, v. 12, 2011.

WERTHEIN, J. A. A sociedade da informação e seus desafios. **Revista Ciência da Informação**. Brasília, V.29, nº2, p.71-77. Mai/Ago 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v2n2.pdf>. Acesso em: 21/11/2014.